

MORADORES EM ALERTA MÁXIMO

# Onda de crimes migra para cidades pequenas

Um exemplo é Jaguariúna, que vem registrando altos índices de roubos e furtos este ano

Alenita Ramirez

Alenita.ramirez@rac.com.br

O risco de ter a casa invadida por criminosos, no bairro Colina do Castelo, em Jaguariúna, levou a empresária Paula Savioli, de 48 anos, a mudar alguns hábitos nos últimos tempos. Ela, que costumava dormir com as portas destrancadas e com a chave no contato do carro na garagem, agora deixa as portas de casa fechadas 24 horas e as chaves dos carros bem guardadas.

O cuidado com a segurança surgiu com força depois que ela teve a sua empresa invadida por criminosos, há cerca de dois meses. "Moro há 40 anos em Jaguariúna e nunca tinha sido assaltada. A cidade era muito tranquila, mas, de repente, começaram a ocorrer furtos e roubos no comércio. Depois, assaltos e invasões a residências. Acredito que esses crimes sejam consequência do uso de drogas. Fiquei com muito medo e até meu percurso para o trabalho mudei", contou.

Jaguariúna tem 58.722 mil habitantes e é uma das 21 cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC). Está a 31,1 km da metrópole e é cercada por duas rodovias: a SP-340 e a SP-095, além de várias estradas vicinais.

Considerada até então uma cidade pacata e tranquila, nos últimos anos, Jaguariúna se tornou mais uma das cidades-alvo da banditagem. Os crimes mais comuns são os furtos e roubos a comércios e residências, com destaque para uma modalidade que passou a fazer parte dos ataques locais: a "gangue da marcha à ré", que estoura as portas dos estabelecimentos usando o carro em marcha à ré.

Em um ano e meio, o comerciante Reinaldo José de Assis teve a sua loja de informática atacada quatro vezes – três furtos e um roubo. Assis que é morador de Valinhos e era sócio do



Rodrigo Zanoto

Empresária Paula Savioli, de 48 anos, mudou alguns hábitos nos últimos tempos devido ao medo, após ter a sua empresa invadida há cerca de dois meses

filho quando decidiu abrir o seu próprio negócio em Jaguariúna, em virtude da tranquilidade local e também por ser um município com oportunidades de crescimento.

Entretanto, depois de ver a sua loja ser invadida por bandidos, desistiu do empreendimento e agora estuda se vai abrir seu negócio em outra cidade ou optar pela informalidade. "Pagava caro um seguro, mas mesmo provando que era vítima, não recebi sequer a metade do prejuízo. Decidi cancelar o seguro, porque não vi vantagem. Agora, penso se devo ou não voltar para a formalidade, pois pagamos impostos e não temos segurança", desabafou Assis.

Entre janeiro e agosto deste ano, a cidade registrou 391 furtos, o segundo maior índice nesta modalidade de crime nos últimos dez anos – 2016 bateu o recorde com 396. Em

2021, primeiro ano após a pandemia, foram registradas 169 queixas.

Jaguariúna não é a única cidade com menos de 100 mil habitantes na região que sofre com a migração do crime. Holambra, com 15.272 mil moradores, também vem sofrendo com um crime típico de cidades grandes: o roubo a condomínios. Em meados de agosto deste ano, bandidos abriram um buraco no muro de um condomínio de luxo e invadiram a casa de um empresário. A família foi mantida refém por cerca de uma hora.

Para a docente da Faculdade de Ciências Sociais e extensionista da PUC-Campinas, Camilla Marcondes Massaro, o aumento da criminalidade é consequência do atual sistema, que não valoriza o indivíduo, especialmente no que se refere ao âmbito do trabalho. O baixo salário aliado ao tem-

po de trabalho destinado para o tal ganho esmorece o jovem e o leva a buscar alternativas mais atrativas.

Camilla aponta que não adianta ter ações de controle social e de policiamento atuando muito mais na repressão do que em formas preventivas. "A precariedade das condições de vida e de trabalho faz com que a 'competição' em relação ao mundo do crime organizado se torne desleal", observou.

Segundo a docente, as políticas públicas de trabalho e renda, educação e segurança estão atreladas e para que a segurança pública colha resultados positivos é necessário pensá-la como "segurança da comunidade" e não como de repressão. "Se isso não mudar, a tendência é a de que essa ideia (*de que o crime compensa*) se espalhe e prolifere, conforme vai tendo sucesso", frisou.

Os crimes que mais ocor-

rem nas cidades pequenas são os de assalto a bancos e de empresas de valores, observa a professora. Em cidades maiores, uma onda crescente de roubos a joalherias é praticada, possivelmente, por quadrilhas especializadas. "Eles (*criminosos*) têm grande aparato de armas e de estratégias de fuga, conhecem bem o local e contam com um planejamento da ação", comentou Camilla.

Recentemente, uma joalheira em Santo Antônio de Posse foi alvo de bandidos. Os criminosos atacaram no momento em que os proprietários fechavam o local. Na fuga, pela rodovia, os bandidos bateram o carro e depois tentaram assaltar um sítio. Mas o dono percebeu a ação e avisou a polícia. Os comparsas resgataram os criminosos. Um adolescente foi detido pouco tempo depois e parte das joias foram recuperadas em uma casa, em Jaguariúna.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Segurança Caderno: A Pagina: 16